

QUINTA DAS LAPAS: RECREIO E ERUDIÇÃO NUMA NOTÁVEL MORADA DO 1.º MARQUÊS DE ALEGRETE (1641-1709)

Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara & Teresa Campos Coelho

QUINTA. Casa de Campo, ou fazenda de lavoura no campo com sua casaria. Chamousse assim, porque de ordinario o que arrenda a Quinta, dà ao dono dela a quinta parte do que colhe de frutos. Villaa, æ. Fem. Cit. Horat.

Padre Raphael Bluteau¹.

Preâmbulo

Agradecemos à comissão científica do III Colóquio sobre a *Casa Senhorial* a oportunidade de participar neste encontro sobre um tema que tem merecido nos últimos anos, como sabemos, uma atenção muito especial, em trabalhos e linhas de investigação que têm alargado o quadro de conhecimento com renovadas abordagens e temas relacionados com o estudo da *Casa Senhorial* nas suas múltiplas dimensões.

Em relação ao objeto desta nossa comunicação, a Quinta das Lapas, apresentamos aqui uma primeira abordagem integrando-a num vasto património de que urge prosseguir o estudo, nomeadamente no que diz respeito à análise e avaliação de alguns espaços a que não conseguimos ter acesso².

O trabalho agora apresentado encontra-se ainda numa fase preliminar, inserido numa investigação mais vasta em curso sobre o património artístico de uma das mais importantes casas aristocráticas do “Portugal Restaurado”. Referimo-nos à família Telles da Silva, condes de Vilar Maior e marqueses de Alegrete e, mais tarde, também condes de Tarouca e marqueses de Penalva.

Centrados na figura do 1.º marquês de Alegrete, Manuel Telles da Silva, e partindo do recente estudo que iniciamos com a memória do seu

¹ BLUTEAU, Padre Raphael - *Vocabulario Portuguez e Latino [...]*, Vol. VII, Lisboa: na Officina de Pascoal da Sylva, MDCCXX, p. 66.

² Queremos expressar também o nosso agradecimento ao Dr. Rui Martins (Dianova) que nos facilitou o acesso possível, e ao Dr. Moedas Duarte (Associação de Defesa do Património de Torres Vedras) a disponibilização de algumas imagens e textos de investigação, assim como a sua companhia na visita que efectuamos à Quinta das Lapas.

palácio na Mouraria em Lisboa³, prosseguimos com a análise sobre uma outra sua propriedade, a Quinta das Lapas, situada no Monte Redondo, arredores de Torres Vedras, habitação utilizada por esta família como local de veraneio.

Poucos foram os estudos já realizados sobre este espaço, e escassas foram as abordagens que incidiram numa leitura sob a perspetiva da História de Arte⁴ mais global e integrada, especificamente na relação entre o espaço interior e o espaço exterior, e numa mais pormenorizada atenção dada ao programa erudito deste último, no sentido em que nele se materializa uma efetiva referência simbólica ao estatuto do seu proprietário, através de um verdadeiro programa decorativo que segue fontes de inspiração eruditas.

³ Neste âmbito, e integrado num projeto que temos em curso sobre o património artístico da família Telles da Silva, desenvolvemos recentemente um estudo sobre o Palácio da Mouraria em Lisboa relançando um olhar sobre a obra de A. Vieira da Silva escrita há cerca de 70 anos. Veja-se CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da, COELHO, Teresa de Campos - “O Palácio dos Marquês de Alegrete à Mouraria: do Palácio ausente à memória do sítio” In *Cadernos do Arquivo Municipal, II Série, volume V, Histórias de Casas e de quem la vive(u)*, vol. I, Coordenação Maria Raquel Henriques da Silva, Janeiro-Junho 2016, opp. 81-126.

⁴ Para a principal bibliografia sobre esta quinta veja-se CARITA, Helder, CARDOSO, A. Homem, CARDOSO, Miguel Esteves (pref.) - *Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal ou a originalidade e desaires desta arte*, Edição dos Autores, 1987; CATARINO, Maria Manuela; DUARTE, Joaquim Moedas - *A Quinta das Lapas: da casa construída pelo 1.º Marquês de Alegrete a jardim Romântico/Neoclássico do século XIX*. In COLÓQUIO CHÁS DE PEDRA, 5, Azenhas de Santa Cruz, 2015 - *A quinta*. Torres Vedras: Câmara Municipal, 2015; LEAL, A. Soares Pinho - *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa: Liv. Ed. de Mattos Moreira e Companhia, Vol. IX, 1880, pp. 657 e 658; FELICIANO, Ana Marta, LEITE, António Santos - *A Casa Senhorial como Matriz da Territorialidade: a Região de Torres Vedras entre o Tempo Medieval e o Final do Antigo Regime*. Edição e Artes Gráficas, SA, Lisboa, fevereiro de 2016; FERREIRA, O. da Veiga - *Grutas artificiais da Quinta das Lapas: Torres Vedras*, Sep. do Boletim da Junta Distrital de Lisboa, n.º LXXIII-LXXIV-III série, 1970; MATOS, Venerando António Aspro de - *vedrografias2*. Blogspot. Disponível em linha em <http://vedrografias2.blogspot.pt/search?q=quinta+d+Lapas>; PIRES, Amílcar Gil - “O Lugar da Quinta de Recreio na Periferia de Lisboa”. In *Arte e Teoria* - Revista do Mestrado em teorias da Arte da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, n.º 9, 2007, pp. 79-91, PIRES, Amílcar Gil - *A Quinta de Recreio em Portugal. Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*, Caleidoscópio - Edição e Artes Gráficas, SA, Lisboa, dezembro de 2013; *Quinta das Lapas / Portugal*, Lisboa, Torres Vedras, União das Freguesias de Maxial e Monte Redondo, IPA.00003131. [Em linha. Consult. maio. 2016].

Disponível na internet: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5151; RODRIGUES, Cecília Travassa e alia - *Torres Vedras. Passado e Presente*, Ed. Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Torres Vedras, 1996, vol I; SILVA, Maria Natália da - *Poder e Família em Torres Vedras no Antigo Regime. Espaço de Actuação e Formas de Controlo Social (1663-1755)*, C.M.T., Ed. Colibri, novembro de 2006; VIEIRA, Júlio, SILVA, Carlos Guardado da (pref.), DUARTE, Joaquim Moedas (rev.), RODRIGUES, Luís Filipe (rev.) - *Torres Vedras antiga e moderna*, 2ª Edição, Torres Vedras: Livrododia, 2011.

Deste modo, e neste contexto, pretendemos abordar e destacar aqui três aspetos:

- I. Contexto | A Família Telles da Silva e o seu Património, especificamente apresentando alguns dados biográficos
- II. O espaço da casa | Programa e vivência
- III. Diálogo interior/exterior | destacando o jardim como prolongamento do espaço privado.

I. Contexto

Não podemos deixar de referenciar o contexto histórico em que Manuel Telles da Silva se insere. Apenas algumas notas biográficas a que juntamos agora uma outra referência ao seu trisneto Fernando Telles da Silva Caminha e Meneses (1754-1818), 6.º marquês de Alegrete, 7.º conde de Tarouca e 3.º marquês de Penalva, por ter sido ele o grande responsável pelas importantes alterações e remodelações da casa na 2.ª metade de setecentos.

Membro de uma das mais importantes casas aristocráticas de Portugal (condes de Vila Maior e marqueses de Alegrete), Manuel Telles da Silva participou ativamente na campanha militar do período pós-Restauroação, tendo iniciado a sua atividade em 1661 na qualidade de capitão de uma companhia de ordenança da cidade de Lisboa e orientando-se, desde sempre, pela prestação de serviços à Coroa.

A Manuel Telles da Silva ficou a dever-se o seu enorme esforço durante as campanhas do Alentejo contribuindo para a tomada de Évora depois da Batalha do Ameixial pois, como sabemos, foi a partir da Restauração que o processo de ascensão à Grandeza dos titulares das casas nobres se cristalizou numa “elite de corte” estreitamente ligada à dinastia brigantina.

No ano de 1669 tomou posse do lugar de Regedor das Justiças da Casa da Suplicação e em 1672 foi nomeado para o cargo Vedor da Fazenda da Repartição de África, sendo depois nomeado Vedor da Fazenda da Repartição do Reino, em 1681. Pouco anos antes, em 1679, tinha alcançado o lugar de Conselheiro de Estado.

Mas foi sobretudo na diplomacia internacional, que conquistou prestígio e favores régios. Em 1686 foi enviado, como embaixador extraordinário, a negociar o casamento em segundas núpcias entre o monarca D. Pedro II e a princesa Maria Sofia de Neuburgo, filha do Eleitor Palatino, sendo por tal feito agraciado em 19 de agosto de 1687 com o título de 1.º marquês de Alegrete.

Casou-se com D. Luísa Coutinho, filha de D. Nuno Mascarenhas, Senhor de Palma, comendador de Castelo de Vide, e de D. Brites Castello Branco (ou Menezes) filha de D. Francisco Castello Branco, que foi 2.º conde de Sabugal, nascendo desse matrimónio vários filhos que se destacaram na Casa pela linha masculina - Fernão Telles da Silva (1662-1734), 3.º conde de Vilar Maior e 2.º marquês de Alegrete, Nuno da Silva, (1666-1703), Reitor da Universidade de Coimbra; António Telles da Silva, (1667-1699), arcebispo na Sé de Lisboa, Lente em Cânones na Universidade de Coimbra, e João Gomes da Silva, 4.º conde de Tarouca (1671-1738), embaixador com uma carreira diplomática notável.

O respeito que o 1.º marquês do Alegrete alcançou entre os seus contemporâneos, e nas suas relações familiares, não lhe desviou a intenção de aumentar, no que pudesse, a grandeza da sua *Casa*, mantendo assim o propósito dos seus antecessores.

Manuel Telles da Silva foi certamente um homem do seu tempo, de bom gosto, conhecedor da cultura erudita e cosmopolita que marca a transição do século XVII para o século XVIII, assim se justificando e materializando no seu património edificado: na escolha da construção do importante palácio na Mouraria, espaço que centrava todas as atenções da família, nas obras da casa da Quinta do Alegrete, e na reconstrução daquela que agora nos interessa, a Quinta das Lapas, local de veraneio nos arredores de Lisboa, herdada pela via materna, e adquirida por D. Mariana de Mendonça em 1640. A atenção que dispensaria a esta última propriedade resultava não apenas do seu valor como símbolo de prestígio próprio da elite da época, mas também pelo que ela representava na economia da Casa de Alegrete, agora enriquecida com a posse do Reguengo de Torres Vedras onde se situava⁵, fato que não seria esquecido nos registos de azulejos que ornamentam o seu espaço exterior. A propriedade não era arrendada a terceiros mas a sua produção permitia-lhe arrecadar algum lucros, a que acrescia uma percentagem dos lucros do vinho dos outros produtores, que a posse do referido Reguengo lhe permitia usufruir. Ela não deixava,

⁵ Sobre este assunto veja-se SILVA, Maria Natália da - *Poder e Família em Torres Vedras no Antigo Regime. Espaço de Actuação e Formas de Controlo Social (1663-1755)*, C.M.T., Ed. Colibri, novembro de 2006, pp. 96 a 101. Segundo esta autora o marquês não detinha prerrogativas jurisdicionais sobre o concelho, nem intervinho no poder municipal torriense (situação que se alteraria com os seu sucessores, já em meados do século XVIII), a não ser quando diziam respeito ao relego do vinho. Diz-nos o Padre Carvalho da COSTA que *Relego de Torres Vedras, huma grande, & fermosa casa terrea, aonde o Marquez de Alegrete recolhe os vinhos dos quartos, & oytavos que lhe pagaõ, & dentro della esta huma pia na parede, levantada do chaõ quasi huma vara, que sempre tem agua na mesma quantidade, & vazando-a, torna logo ao mesmo estado (Corografia Portuguesa, e descriçam topográfica do famoso Reyno de Portugal [...]), Vol. III, Lisboa: Na Officina Real Deslandesiana: MDCCXII, pp. 18 e 19).*

no entanto, de exprimir toda a riqueza e estatuto do seu proprietário, como ainda hoje se pode verificar quando a visitamos, ou através das descrições que nos deixaram os diferentes cronistas, como a que nos faz Pinho Leal em 1880:

Foi comprada por Donna Mariana de Menezes, condessa de Villar-Maior, mulher do conde do mesmo título, Fernando Telles (um dos 40 fidalgos que aclamaram D. João IV, no 1º de dezembro de 1640). A condessa empregou o seu dote, na compra d'esta quinta, que se compõe – extra-muros – de vinhas, olivaeas, pinhaes e terras de pão; e intra-muros, de um magnífico palacio (tendo, sobre o portão de ferro, da entrada, dous grandes leões de ferro de marmore fino, dádiva de D. João V, ao marquez de Alegrete, ascendente dos marquezes de Penalva, actuaes possuidores d'esta rica propriedade). A quinta compõe-se de formosos e extensos jardins, hortas, pomares, e uma bella matta, povoada de sobreiros, notaveis pela sua altura e grossura, e talvez mais antigos que a monarchia portugueza⁶.

Como referimos, a esta propriedade dispensou também grande atenção Fernando Telles da Silva, 3.º marquês de Penalva (1754–1818)⁷, como se pode ver pelas obras que empreendeu e onde terão nascido os seus filhos António e Eugénia Telles da Silva.

Analisaremos, de seguida, como o estatuto e gosto destes encomendadores se repercutiram nos programas artísticos e na vivência da quinta em estudo.

II. O espaço da casa | Programa e vivência

Depois dos trabalhos fundadores e pioneiros sobre a *quinta de recreio* de Carlos Azevedo e Ilídio Alves de Araújo, outros importantes estudos⁸ evidenciaram a sua importância como residência secundária ligada

⁶ LEAL, A. Soares Pinho - *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa: Liv. Ed. de Mattos Moreira e Companhia, Vol. IX, 1880, pp. 657 e 658.

⁷ Quanto a cargos destacou-se como Gentil-homem da câmara da rainha D. Maria I e de D. João VI; conselheiro de guerra, comendador da Ordem de Cristo, deputado da Junta dos Três Estados; censor régio da Mesa do Desembargo do Paço, entre outros. Foi considerado como homem de muita erudição, tendo escrito como principais obras: *Oração panegírica aos anos da Rainha nossa senhora, em nome da Academia Real da Historia, em 31 de março de 1776*, sem lugar nem ano de impressão; *Dissertação a favor da Monarquia, onde se prova pela razão, autoridade e experiência ser este o melhor e mais justo de todos os governos*, etc., Lisboa, 1799; reimpressa em 1818 e *Carta de um vassalo nobre ao seu rei. Veja-se Penalva (Fernando Telles da Silva Caminha e Menezes, 3.º marquês de)*. In *Dicionário Histórico*, <http://www.arqnet.pt/dicionario/penalva3m.html> (acedido em 9/6/2016).

⁸ ARAÚJO, Ilídio Alves de, “Quintas de Recreio”. In *Bracara Augusta*, Vol. XXVII, Fasc. 63, Braga: 1973.

ao prestígio do seu proprietário, e na intensa relação da casa com o seu espaço envolvente, constituído por jardim, e áreas de produção agrícola (pomar, horta) e mata.

Como referimos a propósito do palácio que os Telles da Silva possuíam na Mouraria de Lisboa⁹ são, até ao momento, também escassas as referências em relação a este património, quer no que diz respeito à campanha de obras de finais do século XVII e inícios do XVIII, quer às que foram feitas no final de setecentos. Socorremo-nos, uma vez mais, da vasta correspondência da família, em especial da que Manuel Telles da Silva (1641-1709) estabeleceu com o seu filho Fernão Telles da Silva (1662-1734) entre 1707 e 1708, pouco antes da sua morte.¹⁰ Como se pode deduzir do conteúdo das cartas, Fernão Telles da Silva (futuro 3.º conde de Vilar-Maior e 2.º marquês de Alegrete) estaria então na Áustria como embaixador a negociar o casamento de D. João V com D. Maria Ana, tal como seu pai fizera anos antes em relação ao segundo matrimónio de D. Pedro II com a princesa Maria Sofia de Neuburgo, filha do Eleitor Palatino. A vasta correspondência trocada entre eles veio preencher parte dessa lacuna, brindando-nos com importantes descrições que nos elucidam não apenas sobre a vivência quotidiana na Corte mas, sobretudo, a da própria família, onde não faltam alusões ao património que então detinham.

AZEVEDO, Carlos de - *Solares Portugueses*. Lisboa: Livros Horizonte, 1969. Sobre este tema destacamos ainda, entre outros: CALDAS, João Vieira - *A Casa Rural dos Arredores de Lisboa no século XVIII*, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, 1999; CARAPINHA, Aurora da Conceição Parreira - *A Essência do Jardim Português*, Dissertação de Doutoramento em Arquitetura Paisagista e Arte do Jardim, Vol. I, Universidade de Évora, Évora, 1995; CARITA, Hélder, CARDOSO, Homem - *A casa senhorial em Portugal: modelos, tipologias, programas interiores e equipamento*. Lisboa: Leya, 2015; CARITA, Helder, e António Homem Cardoso - *Oriente e Ocidente nos Interiores em Portugal*. Porto: Livraria Civilização Editora, 1983; CARITA, Helder, CARDOSO, A. Homem, CARDOSO, Miguel Esteves (pref.) - *Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal ou a originalidade e desaires desta arte*, Edição dos Autores, 1987; FELICIANO, Ana Marta, LEITE, António Santos - *A Casa Senhorial como Matriz da Territorialidade: a Região de Torres Vedras entre o Tempo Medieval e o Final do Antigo Regime*. Edição e Artes Gráficas, SA, Lisboa, fevereiro de 2016; MESQUITA, Marieta Dá - "Metodologias para o estudo do habitar setecentista: o contributo da tratadística e a decifração dos códigos habitativos". In *GEHA. AI*, n.º 1, julho de 1998, pp. 61-67; PIRES, Amílcar Gil - "O Lugar da Quinta de Recreio na Periferia de Lisboa", in *Arte e Teoria* - Revista do Mestrado em teorias da Arte da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, n.º 9, 2007, pp. 79-91; PIRES, Amílcar Gil - *A Quinta de Recreio em Portugal. Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*, Caleidoscópico - Edição e Artes Gráficas, SA, Lisboa, dezembro de 2013.

⁹ CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da, COELHO, Teresa de Campos - "O Palácio dos Marqueses de Alegrete à Mouraria ...", op.cit.

¹⁰ BN, *Secção de Reservados*, AT/12A, *Cartas de Manuel Telles da Silva para seu filho, Fernão Telles da Silva, 1707/8*.



Fig. 1 – Fachada principal e representação da Quinta das Lapas e das grutas, num registo de azulejo do jardim-terraço (foto das autoras).

Classificada como *Imóvel de Interesse Público*¹¹, a Quinta deve o seu nome à existência de umas grutas artificiais cuja origem remonta ao Calcolítico¹² (Fig. 1). Adquirida em 1640, a propriedade sofreria duas grandes campanhas de remodelação, uma em finais do século XVII, por iniciativa do 1.º marquês de Alegrete, Manuel Telles da Silva (1641-1709), e outra perto de um século mais tarde, por iniciativa de Fernando Telles da Silva Caminha e Meneses (1754-1818). Quando a visitamos, o que hoje nos é dado observar resulta essencialmente desta última campanha de obras (o primeiro impacto de quem dela se aproxima é dado pela fachada neoclássica da Capela de Nossa Senhora do Rosário situada no exterior do acesso ao núcleo habitacional) à exceção de alguns elementos que se situam sobretudo no exterior, como descreveremos. Como tal, o entendimento do que terá sido o espaço remodelado pelo 1.º marquês resultará sempre de uma leitura

¹¹ O Decreto-Lei 129/77 de 29 de setembro classificaria a “Casa da Quinta das Lapas” como Imóvel de Interesse Público, classificação que seria alterada pelo Decreto de 5/2002 de 19 de fevereiro (artº 2º, ponto 3), estendendo-a à sua envolvente, de acordo com a seguinte redação: “Casa da Quinta das Lapas, com a respectiva cerca, a praça frente à Capela, a alameda e a Capela de Santo António, na Quinta das Lapas, com acesso pela estrada municipal n.º 575, Monte Redondo, município de Torres Vedras, distrito de Lisboa”. Em 1986 seria adquirida pela Associação *Le Patriarche*, funcionando atualmente como centro de recuperação de jovens toxicodependentes da Dianova.

¹² Sobre este assunto veja-se FERREIRA, O. da Veiga – *Grutas artificiais da Quinta das Lapas: Torres Vedras*, Sep. do Boletim da Junta Distrital de Lisboa, n.º LXXIII-LXXIV-III série, 1970.

intuitiva, até que a descoberta de documentação coeva nos possibilite uma outra perspetiva.

Integrando-se numa tipologia que se desenvolve a partir de finais do século XVII, na qual assume especial importância a relação da casa com a sua envolvente, no conjunto da Quinta das Lapas a composição é constituída não só pela organização do edifício, mas também pelas condicionantes do terreno e envolvimento paisagístico¹³ no qual a natureza adquire um forte valor simbólico e até mesmo ordenador, como já foi salientado: *Efectivamente, no conjunto da Quinta das Lapas podemos afirmar que se assiste a uma tentativa, claramente inspirada nos modelos eruditos do Renascimento italiano, de criação não só de uma casa mas mais objectivamente de criação de um universo privado em que a casa procura dialogar com a natureza envolvente, oferecendo uma multiplicidade de espaços exteriores com características paisagísticas diferenciadas*¹⁴.

Desdobrando-se em socalcos segundo planos distintos, dois eixos perspéticos fundamentais, ortogonais entre si, potencializam múltiplos efeitos cénicos tão ao gosto barroco: um eixo este/oeste que se estende desde as capelas de Santo António e de Nossa Senhora do Rosário, situadas num plano inferior e exteriores ao núcleo habitacional, até à casa propriamente dita, e se prolonga por uma alameda de palmeiras que conduz à mata; um segundo eixo, no sentido norte/sul, parte da fachada lateral, e estende-se através de um terraço e jardins, numa alternância de dominantes ditadas pelas condicionantes geográficas onde pontuam arquiteturas de prazer, criando ambientes específicos.

Destacando-se na sucessão de espaços do primeiro eixo, pelas dimensões e carga simbólica, cenográfico é também o *pátio de honra* em U a que se acede por um portão encimado pelas armas dos Telles da Silva (Fig. 2). A sua grandiosidade, e face à escala do estatuto dos seus proprietários (como também já foi salientado, *quanto maior fosse a*

¹³ Para o estudo desta quinta destacamos os seguintes artigos: CATARINO, Maria Manuela, DUARTE, Joaquim Moedas – “A Quinta das Lapas: da casa construída pelo 1.º Marquês de Alegrete a jardim Romântico/Neoclássico do século XIX”, In *COLÓQUIO CHÁS DE PEDRA*, 5, Azenhas de Santa Cruz, 2015 – *A quinta*. Torres Vedras: Câmara Municipal, 2015; FELICIANO, Ana Marta, LEITE, António Santos – *A Casa Senhorial como Matriz da Territorialidade: a Região de Torres Vedras ...*, ob. cit., onde se faz uma análise da sua tipologia.

¹⁴ FELICIANO, Ana Marta, LEITE, António Santos – *A Casa Senhorial como Matriz da Territorialidade...*, ob. cit., pp. 257 e 258. Ao estudar a tipologia das quintas de recreio em Portugal, Amílcar Gil PIRES classifica a Quinta das Lapas, quanto à sua disposição e características, na tipologia que define como *tipo D* em que escolhe para matriz a *Villa Medici* em Poggio a Caiano, da autoria de Giuliano da Sangallo, tipologia em que integra também a quinta do Monteiro-Mor em Vialonga – *A Quinta de Recreio em Portugal. Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*, ob. cit., p. 351.

*distância do Portão de Honra à entrada na casa, maior seria a importância da família na sociedade*¹⁵), permitiria certamente o desenrolar de todo o ritual barroco inerente à importância daqueles que a visitavam, de que se salienta a presença de D. João V e da Corte, quando regressavam do Convento do Varatojo, como nos relata a *Gazeta de Lisboa* em 27 de junho de 1716¹⁶.



Fig. 2 – Perspetivas tiradas do portão principal e do alto da escadaria, respetivamente (foto das autoras).

¹⁵ PIRES, Amílcar Gil – *A Quinta de Recreio em Portugal. Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*, ob. cit., p. 283.

¹⁶ Era então marquês de Alegrete, Fernão Telles da Silva (1662-1737).

Na segunda feyra [dia 22] voltou S. Mag. & jantou na quinta das Lapas, onde o Marquez de Alegrete dono della, hospedou a S. Mag. & a todas as pessoas que o acompanharão, com mayor magnificencia, & profuzão que se pôde imaginar. Pelas 4 horas da tarde se poz S. Mag. a caminho, & se restituiu a esta Corte, onde chegou pelas 9 horas da noyte. Acompanharão a S. Mag. nesta jornada o senhor infante D. Antonio, o Eminentissimo Senhor Cardeal da Cunha, o Duque D. Jayme, o Marquez de Gouvea, & seu filho o Conde de Santa Cruz, o Marquez de Marialva, o do Alegrete, & seu filho o Conde de Vilar mayor, o Conde de Unhão, & o da Ericeyra, D. Francisco de Sousa, Commissario geral da Santa Cruzada, Rodrigo de Mello irmão do Conde de S. Lourenço, & o Dayão da Sé de Lisboa...

O pátio é ladeado por duas alas baixas, sendo rematado no topo pelo edifício habitacional, centro da perspectiva que se tem quando se transpõe o portão reformulado já em finais do século XVIII, cuja fachada parece ter sofrido alguma influência do Palácio Pombal de Oeiras (Fig. 3): numa composição simétrica, três corpos verticais separados por pilastras dóricas em cantaria são constituídos por piso térreo e andar nobre, a que se juntou mais tarde um terceiro andar, separado dos anteriores por uma cornija que deveria originariamente rematar os panos de fachada. No corpo central, uma escadaria que se desenvolve em quatro lanços organizados também simetricamente assume-se como um elemento dinamizador e de forte potencial cenográfico na leitura dessa mesma fachada, conduzindo a um patamar ao nível do andar nobre, de onde se usufrui uma ampla perspectiva sobre o *pátio de honra*, e onde se situa um portal de acesso ao interior ladeado por duas janelas de cantarias recortadas. No mesmo nível, e em cada um dos corpos laterais, abrem-se também duas janelas de sacada. No piso térreo (que não visitámos) ficariam, certamente, todas as dependências utilitárias de apoio e armazenamento dos produtos agrícolas.

Não sabemos como seria o edifício quando da remodelação empreendida pelo 1.º marquês, na transição do século XVII para o XVIII. Num painel de azulejos que se situa no interior da casa de fresco do Tanque da Sereia (Fig. 3) podemos ver a imagem de um edifício aberto sobre um pátio cuja composição apresenta alguma semelhança com a fachada principal da quinta. Será este um primeiro registo iconográfico do modelo então construído? Considerando esta hipótese, e aceitando como fidedigna a sua imagem (o caso mais interessante de uma representação semelhante é, no mesmo período, o da fachada da Igreja de S. Vicente de Fora, na Portaria do respetivo convento) teríamos então a nível do piso térreo um portal de feição barroca, ladeado por duas janelas de sacada a nível do andar nobre, sem a monumental escadaria exterior que hoje se vê.



Fig. 3 – Perspetiva da fachada principal, a partir do pátio de entrada / pormenor da representação do azulejo da casa de fresco da Fonte da Sereia. (foto das autoras).

Sabemos que a quinta estava em plena construção em 1707 e 1708¹⁷, como se pode deduzir das cartas então escritas pelo 1.º marquês de Alegrete ao seu filho Fernão. Obedecendo a uma tipologia definida (organizam-se sempre segundo três conteúdos essenciais – assuntos da Corte, notícias da família, terminando com pormenores das suas propriedades), quase todas elas contemplam referências à Quinta das Lapas. Em 26 de novembro de 1707 escrevia Manuel Telles da Silva¹⁸:

Da quinta das Lapas ha pouco q avizar de mais do q vos tinha dito: Francisco Ferreira esteve aqui hum destes dias e me disse q tinha ja na quinta sincoenta carradas de pedra, e não havia faltar em acabar a obra p.^a quando a prometeu; tem huma duvida na intelligencia da planta, cuja divisaõ remeti ao C.^{de} de Tarouca, e porq se quis hir logo, e a não pode levar, lhe ordenei não pegasse naquella parte da obra sem a tal resolução. A dilig.^a p.^a as grades da escada das Lapas me não esquece e ainda não achei pessoa a q.^m pudesse encomendalas, e como sei q se cuida em mandar ao C.^{de} de Tarouca para o Alentejo tambem não fis mais dilig.^a porq se elle for para aquella provincia sera o melhor meyo q teremos para se acertarem.

A carta confirma ainda outro dado relevante já conhecido, o domínio do Conde de Tarouca sobre assuntos de arquitetura¹⁹, a quem o pai recorre para esclarecimento da planta (a obra no interior da casa deveria

¹⁷ A visita de D. João V em 1716 pressupõe que já estivesse então terminada. Segundo consta, o marquês de Alegrete terá dispensado alguns homens para trabalharem na obra de Mafra, pelo que D. João V lhe terá oferecido os leões que se situavam sobre o portal lateral da quinta, hoje desaparecidos. In LEAL, A. Soares Pinho – *Portugal Antigo e Moderno*, ob. cit., p. 657.

¹⁸ BN, *Secção de Reservados*, AT/12A, *Cartas de Manuel Telles da Silva para seu filho, Fernão Telles da Silva, 1707/8*, fls. 16v e 17.

¹⁹ Sobre este assunto veja-se COUTINHO, Maria João Pereira – “O palácio do Monteiro-Mor e a visão da arquitectura civil lisboeta na primeira metade de setecentos por João Gomes da Silva: 1671-1738, 4.º conde de Tarouca”. publicada em *Actas do IV Congresso de História da Arte Portuguesa de Homenagem a José-Augusto França*. Lisboa: Associação Portuguesa de Historiadores de Arte, 2012. pp. 77-84 (cd-rom).

estar então ainda bastante atrasada). Na carta alude-se ainda às grades necessárias para a escada, o que permite deduzir que a atual escadaria terá sido construída de novo, ou resultará de uma reformulação da anterior (reforçando, assim, a hipótese de a representação azulejar da casa de fresco retratar a primitiva construção). Nesta correspondência, ininterrupta até outubro de 1708, Manuel Telles da Silva vai dando notícia do decorrer dos trabalhos aludindo, por vezes, ao custo das mesmas, bem como às que entretanto ia necessitando o seu palácio à Mouraria. Nas últimas missivas, refere ainda que a obra das escadas, estrebarias e lagares estava a terminar. Porém, em mais nenhuma carta se faz alusão à planta, ou a outro tipo de trabalhos. Apenas o registo da apreciação então feita pela marquesa de Távora, quando de visita à propriedade: *A Marquesa de Távora vinda de Peniche aonde foi ser comadre da sua filha a C.^{ssa} de Athouguia esteve nas Lapas, e tem gabado m.^{to} a quinta*²⁰.

Desconhecemos o nome do arquiteto que terá sido responsável pela remodelação empreendida em finais do século XVII e inícios do século XVIII (bem como desconhecido é também o nome do que assinaria as alterações produzidas um século mais tarde, sob direção do 3.º marquês de Penalva). Quando analisámos o Palácio da Mouraria, avançámos com o nome de possíveis arquitetos régios que poderiam então estar a trabalhar para o 1.º marquês de Alegrete²¹: João e Luis Nunes Tinoco, Francisco da Silva Tinoco e do seu sobrinho Francisco Tinoco da Silva (vulgo Padre Tinoco), Mateus do Couto (sobrinho), João Antunes e até mesmo Manuel Pereira (destes, teremos agora que excluir João Nunes Tinoco, falecido em 1690).

Numa das cartas que estamos a analisar, datada de 28 de agosto de 1708²², Manuel Telles da Silva escrevia ao seu filho Fernão, então na Áustria, a preparar o casamento de D. Maria Anna com D. João V, tal como o seu pai fizera quando do matrimónio de D. Pedro II com

²⁰ BN, *Secção de Reservados*, AT/12A, *Cartas de Manuel Telles da Silva para seu filho, Fernão Telles da Silva, 1707/8*, fls. 97 e 97v. Carta datada de 5 de outubro de 1708.

²¹ CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da, COELHO, Teresa de Campos - “O Palácio dos Marqueses de Alegrete à Mouraria ...”, op.cit., pp. 98 a 100.

²² BN, *Secção de Reservados*, AT/12A, *Cartas de Manuel Telles da Silva para seu filho...*, ob. cit., fl. 90 (sublinhado nosso). Tratava-se de acomodar o Bispo de Lubiana, designado pelo Imperador da Áustria para acompanhar D. Maria Anna. Veja-se FONSECA, p. Francisco da - *Embaxxada do Conde de Villarmayor Fernando Telles da Sylva de Lisboa à Corte de Vienna, e Viagem da Rainha Nossa Senhora D. Maria Anna de Austria. De Vienna à Corte de Lisboa, Com húa sumária noticia das Provincias, e Cidades por onde se fez ajornada. Dedicada ao Excellentissimo Senhor João Gomes da Sylva, Conde de Tarouca*, Vienna: na Officina de João Diogo Kürner, 1717, pp. 300 e 302. O Bispo, de acordo com a escolha do arquiteto, acabaria por ficar alojado no Convento do Desterro, dos monges de S. Bernardo (BN, *Secção de Reservados*, AT/12A, *Cartas de Manuel Telles da Silva para seu filho...*, ob. cit., fl. 93).

D. Maria Sofia de Neuburgo: *Despois do Prior de S. Vicente ter dito q estava prompto p.^a receber o Bisp.^o Embaix.^{dor} foi o **Tinoco** ver o comodo q tinha e o não achar capas porq o quarto q podia ser está por acabar mas poderá ser agazalhado com melhor comodo em S. Bernar.^{do} ou em S. Bento, onde ha quarto p.^a isso.*

Dois arquitetos régios com este apelido trabalhavam então na Corte²³ – Francisco da Silva Tinoco, vulgo Padre Tinoco, (1656–1730) e Luís Nunes Tinoco (1642/3–1719). Pensamos que se trata do primeiro, por inerência do cargo que exercia – nomeado em 1693 *Mestre dos Paços da Ribeira*, a ele competiria o alojamento real e dos seus convidados; e porque Luís Nunes Tinoco, nomeado *Arquitecto e Mestre das Obras de S. Vicente* em 1690 sucedendo a seu pai João Nunes Tinoco (1616–1690), também por inerência do seu cargo não necessitaria de se deslocar expressamente ao convento para verificar em que estado estavam as obras que então dirigia.

A familiaridade com que no documento o marquês se refere ao arquiteto, designando-o apenas por *Tinoco*, indicia que conhecia bem de quem se tratava e, certamente, a sua obra. Terá ele sido o responsável pelas obras da Quinta das Lapas? Dos nomes que apontámos para o palácio da Mouraria de Lisboa, não deveremos descurar agora também o de Manuel Pereira que, pouco tempo depois, em 1718, estaria a projetar o portal da vizinha Igreja da Misericórdia de Santarém²⁴.

À exceção de João Antunes, a quem está atribuído o projeto que João Gomes da Silva (1671–1738), 4.^o conde de Tarouca, construiu em Lisboa à Cotovia permanece, por ora, uma incógnita o nome daqueles que terão dado a traça para as residências de uma das mais importantes famílias de então.

No estudo desta casa, e regressando ao seu interior, o que hoje nos é dado a conhecer segue a matriz de uma casa nobre de finais de setecentos. Uma análise mais atenta e detalhada permite verificar a existência de espaços que preferencialmente e intencionalmente fazem parte da vivência do habitar deste período. A planta do andar nobre

²³ Embora tivessem no apelido o nome Tinoco, pertenciam a duas famílias distintas, como ficou recentemente provado. Sobre a biografia e obra destas famílias, veja-se COELHO, Teresa Maria da Trindade de Campos, *Os Nunes Tinoco, uma dinastia de architectos régios dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Dissertação de Doutoramento em História da Arte, Especialidade História da Arte Moderna em Portugal apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, março de 2014, em especial a I Parte, onde se estabelece as suas genealogias (pp. 15 a 116).

²⁴ SERRÃO, Vítor - *História da Arte em Portugal. O Barroco*, Lisboa: Editorial Presença, 2003, p. 177, e JACQUINET, Maria Luísa de Castro V. G. - “Manuel Pereira (C.O.), arquiteto. Contributos para a desconstrução de um enigma da historiografia da arte”. In *Invenire*, n.º 7, jul-dez 2013, pp. 14 a 19, que faz um balanço da obra deste arquiteto.

corresponde à grande compartimentação da casa que se vai impondo ao longo da 2^a metade do século XVIII, adaptando-se às alterações que os rituais dessa vivência e sociabilidade exigiam²⁵.

A cenográfica escadaria (Fig. 2), de que se usufrui uma perspetiva sobre o pátio, portão, e envolvente, enquadrando a própria capela neoclássica dá acesso no interior (Fig. 4), a um grande espaço de receção e de entrada, revestido com lambris de azulejo de motivos seriados, as albarradas de cestos com flores, tão ao gosto da época, a partir do qual se delineiam dois percursos principais: à esquerda, ao longo de um corredor, situam-se as dependências de serviços como cozinha e anexos, as quais comunicam com os espaços de aparato através do mesmo. Nele se situa a escada que liga este andar com o os espaços privados que integram o andar acrescentado já nesta última campanha de obras, espaços esses que se dispõem também ao longo de um extenso corredor.

Voltando à sala de entrada, à direita acede-se a espaços e salas de aparato com tetos em caixotão, que comunicam entre si contíguamente através de portas colocadas segundo um alinhamento perspético, de acordo com a compartimentação do espaço a que se assistiria na segunda metade do século XVIII, impondo um forte sentido cenográfico, reforçado também pela escolha intencional do azulejo para revestimento de alguns desses mesmos espaços - já de uma fase mais tardia este é utilizado e aplicado aqui refletindo seguramente uma escolha decorativa, que afere tendências, ritmos decorativos e as necessidades do gosto do encomendador e proprietário da casa durante este período. Os revestimentos azulejares deste andar nobre seguem o uso mais comum da utilização de motivos ornamentais seriados quer nas albarradas, quer numa padronagem já de finais do século XVIII.

Desconhecemos onde ficariam alguns dos espaços do edifício original, como a primitiva capela, então substituída pelo templo neoclássico.

O efeito cenográfico potencializa-se também na panorâmica que se nos oferece através dos vãos abertos na fachada lateral, orientada a sul, a partir da qual se organiza aquele que é talvez o eixo perspético mais importante do conjunto. A vivência do espaço privado interior espelhar-se-ia no jardim exterior que, como veremos, se assumiria então como uma privilegiada zona de sociabilidade.

²⁵ CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago - *A arte de bem viver: a encenação do quotidiano na azulejaria na 2.ª metade de setecentos*. Lisboa: FCT/FCG, 2005.



Fig. 4 – Andar nobre: sala de entrada e pormenor da casa de jantar / Perspetiva do corredor do andar posteriormente acrescentado (foto das autoras).

III. Diálogo interior / exterior

Proseguindo a visita pela Quinta da Lapas, é no espaço exterior que vamos encontrar a essência e a síntese deste lugar²⁶ através do diálogo intenso entre uma dualidade sempre presente e constante entre interior / exterior, e numa relação privilegiada com a natureza; ideia que reforçamos ao longo deste texto e que constitui uma nova abordagem, nomeadamente nas fontes de inspiração que utiliza para os seus modelos²⁷.

O jardim-terraço²⁸ localizado em anexo à fachada lateral virada a sul representa no conjunto da Quinta uma zona de sociabilidade e de vivência da casa, prolongando o espaço privado, comportando-se como uma “sala de estar” ao ar livre (Fig. 5).

Profusamente decorado com painéis de azulejos nos alegretes, este espaço de aparato prolonga a vida da casa e assume-se como um palco tão ao gosto de setecentos.

²⁶ Como já salientou Aurora Carapinha a propósito da especificidade do jardim português entendido sempre num conjunto mais vasto. Veja-se sobre este assunto CARAPINHA, Aurora da Conceição Parreira - *A Essência do Jardim Português*, Dissertação de Doutoramento em Arquitetura Paisagista e Arte do Jardim, Vol. I, Universidade de Évora, Évora, 1995.

²⁷ Hoje não sabemos como era originalmente este conjunto arquitectónico da casa e quinta das Lapas, mas o que resta deste período mostra intervenções de grande erudição com recurso à tratadística que circulava entre nós revelando um programa concebido por encomendador e artistas informados. Curiosamente é no exterior que se evidencia a grande erudição.

²⁸ “O jardim - terraço que se desenvolve no século XVIII é utilizado ainda como espaço de transição sem formar uma unidade com os restantes espaços recreativos. Ele é, no século XVIII, uma reconversão do jardim privado, que, embora perdendo os altos muros, mantém uma relação de privacidade relativamente ao pomar-jardim, e aos espaços exteriores...”, CARITA, Helder, CARDOSO, A. Homem, CARDOSO, Miguel Esteves (pref.) - *Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal ou a originalidade e desaires desta arte*, Edição dos Autores, 1987, p. 227.

Com forte presença visual e plasticamente muito apelativo, o azulejo apresenta-se neste espaço e neste contexto como indicador do gosto erudito do encomendador, e coevo da campanha de obras da construção inicial.



Fig. 5 – Fachada lateral voltada a sul sobre o jardim-terraço (foto das autoras).

É nos registos de azulejos – inventariados e estudados por Rosário Salema de Carvalho²⁹ – com representações alusivas a cenas do quotidiano e simultaneamente ao valor económico e agrícola da quinta, bem como no articular de uma sucessão de espaços de lazer ao ar livre, pontuados por alegretes, conversadeiras, tanques, casa de fresco e luxuriante vegetação, que podemos desvendar essa marca de erudição já referida e salientada, mais do que no programa arquitetónico da casa. Se ao erudito e entendido 4.º conde de Tarouca era pedida orientação sobre a organização interna, e um papel ativo na encomenda das grades para a escadaria³⁰, a ele se poderá dever também um papel igualmente ativo na escolha ou encomenda do revestimento azulejar, tanto mais que no mesmo período o encontramos a servir de intermediário numa encomenda de azulejos holandeses feita pelo seu cunhado Filipe de Sousa, casado com sua irmã D. Catarina de Menezes³¹.

²⁹ CARVALHO, Rosário Salema de – *A pintura do azulejo em Portugal [1675–1725]. Autorias e biografias – um novo paradigma*. Tese de Doutoramento em História da Arte. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012.

³⁰ BN, *Secção de Reservados*, AT/12A, *Cartas de Manuel Telles da Silva para seu filho, Fernão Telles da Silva, 1707/8*, fls. 16v e 17.

³¹ Cf. *Cartas do Conde de Tarouca dirigidas ao Cardeal da Cunha*. Archivo de Documentos Históricas [s.l.], 1927. O conde de Tarouca era então embaixador em Utrecht, onde esteve

Ao longo do jardim superior distribuí-se um conjunto de painéis de azulejos nos muros baixos que o delimitam intercalados por bancos: e apontando figurações que começam numa cena de descanso em torno de uma mesa, prolongam-se em cenas de caça (lobo, javali, cervo) para novamente regressar a uma temática relacionada com as atividades do campo e de lazer, com jogos como o baloço e refeições, retomando novamente o tema da caça (javali, veado, urso). Alguns dos temas intermédios poderiam ser entendidos enquanto regressos ou descansos de caçadas³². O desenho das cenas expõe uma pincelada rápida e muito expressiva, tão comum aos pintores do designado ciclo dos mestres³³, período a que este conjunto está atribuído (Fig. 6).

Mais adiante no jardim da Quinta, encontramos o tanque³⁴ denominado da Sereia, também ele um magnífico e cenográfico conjunto de sugestões visuais e carga simbólica impostos na sua relação com a água³⁵ e nos efeitos lumínicos dados pelo revestimento dos azulejos, muito possivelmente pintados por mão diferente dos o terraço superior. A par da natureza que aqui se apresenta num estado intermédio entre perfeitamente dominada pela mão do homem (como no terraço) e um estado selvagem (como na mata), a água assume neste espaço um papel preponderante, *indispensável à produção e ao recreio, é o grande*

entre 1711-1715. Filipe de Sousa (1666-1714) foi Capitão da Guarda Alemã, Deputado da Junta dos Três Estados. Casou em 15 de Agosto do anno de 1690 com D. Catarina de Menezes, filha de Manuel Telles da Silva, 1.º marquês de Alegrete, e da marquesa D. Luiza Coutinho, cf. SOUSA, António Caetano de - *História Genealógica da Casa Real Portuguesa [...]*, Real Off. Sylvana, 1735-1749, pp. 829-830. Ao que podemos apurar, esta encomenda não passou talvez de uma grande intenção, pois não se realizou devido à morte de Filipe de Sousa em outubro de 1714. Lendo atentamente a documentação, deparamos com pormenores muito interessantes respeitantes aos *preços* dos azulejos produzidos na Holanda, ao gosto artístico, ao procedimento da encomenda e à função do azulejo enquanto um material decorativo caro.

³² CARVALHO, Rosário Salema de - *ob. cit.*, Anexo B, pp. 1246-1248.

³³ Já foram avançadas várias hipóteses sobre nomes de pintores como: António Pereira, Gabriel del Barco, Raimundo do Couto. CARVALHO, Rosário Salema de - *ob. cit.* Anexo B, pp. 1246-1248.

³⁴ Herdeiros dos grandes lagos seiscentistas como o da Bacalhoa e o da Quinta das Torres, vamos encontrar nas quintas de recreio portuguesas dos séculos XVII (recordemos o exemplo do tanque do Palácio Fronteira) e XVIII grandes lagos rectangulares pontuados por escultura no meio da água e parcialmente rodeados de balaustradas como é este exemplo.

³⁵ A água assume no jardim um valor ornamental, utilitário, recreativo e simbólico. Diversas arquitecturas de suporte, desde tanques, lagos, canais, fontes ou cascatas valorizaram cada um dos recintos ajardinados; espelhos de água juntamente com a frescura dos azulejos desenham, para além de uma presença lúdica, um intencional sentido programático. Veja-se CÂMARA, Maria Alexandra Gago da - "Habitar o espaço barroco: o azulejo e os ambientes". In *O Barroco em Portugal e no Brasil*, Edições Esmal, Braga, 2012, pp. 689-701.

*elemento ordenador e unificador, converte-se na essência viva do jardim português e é o seu principal meio de expressão na criação de espaços autónomos e independentes*³⁶ (Fig. 7).



Fig. 6 – Pormenores dos azulejos que revestem os muros do jardim-terraço – com cenas alusivas ao quotidiano da vida da Quinta, cenas de ar livre, galanteria, baloiço e refeição de finais do século XVII (foto das autoras).



³⁶ CARAPINHA, Aurora da Conceição Parreira - *A Essência do Jardim Português*, Dissertação de Doutoramento em Arquitetura Paisagista e Arte do Jardim, Vol. I, Universidade de Évora, Évora, 1995, p. 353.

Fig. 7 – Tanque da Sereia (foto das autoras).

O tanque afastado da casa, e em num patamar inferior, destaca-se na paisagem pelos panos murários em U que o envolvem, integralmente revestidos por painéis de azulejo. O tema das representações de caçadas, ao elefante e ao leão, é recorrente.

Nos outros muros que ladeiam a casa de fresco encontramos também representações de arquiteturas e fontes.

Tal como acontece sempre que estudamos azulejaria figurativa, um dos mais significativos pontos de interesse é encontrarmos a matriz gráfica do conjunto azulejar, naturalmente a nível das fontes iconográficas, ou seja, mais especificamente, nos livros de gravuras tributários das pinturas dos azulejos setecentistas.

Neste exemplo os modelos seguidos e propostos foram as gravuras de António Tempesta (1555 - 1630)³⁷ onde o pintor copia pormenores ou, por vezes, troca alguns detalhes (Fig. 8).



Fig. 8 – Painel de azulejos da Caça do Elefante foi inspirado numa gravura de Antonio Tempesta. Pormenor, Elephant Hunt, Hunting Parties, c. 1578 [ARTStor].

Por fim, com uma lógica própria o azulejo impôs neste espaço uma dinâmica na caracterização da arquitetura e do gosto, não esquecendo evidentemente todo um processo de encomenda ligado à família Telles da Silva, que encontra paralelos noutros jardins da época, como observou Helder Carita³⁸: *O tratamento arquitectónico dos azulejos da*

³⁷ O painel da *Caça do Elefante* foi inspirado numa gravura de Antonio Tempesta, que copia quase integralmente adaptando o desenho à maior horizontalidade do painel de azulejos. Trata-se de uma representação já conhecida dos azulejos holandeses do Palácio Fronteira. Cf. CARVALHO, Rosário Salema de - *ob. cit.*, pp. 1246-1248.

³⁸ CARITA, Helder, CARDOSO, A. Homem, CARDOSO, Miguel Esteves (pref.) - *Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal ou a originalidade e desaires desta arte*, Edição dos Autores,

primeira metade do século XVIII, a balaustrada de desenho maneirista e no interior a casa do fresco tratada em gosto de embrechados, relacionam claramente este conjunto com as casas do Lago dos Marqueses de Fronteira e Castelo Melhor....

Embora as condições do terreno não nos tenham permitido visitar outros espaços para além do Tanque da Sereia, o registo fotográfico que nos foi cedido³⁹ confirma a existência de fontes e templos que contribuem também para a criação de ambientes específicos em toda a propriedade. Entre estes destacamos o templo de Santo André Avelino, mandado construir em 1778 por Fernando Telles da Silva, de acordo com a lápide que ainda hoje se pode observar numa das paredes⁴⁰, a *Fonte do Veado* e a *Ermida de Santa Maria Madalena*.

Se o riquíssimo revestimento azulejar que encontramos no exterior reflete o conhecimento dos livros de gravuras que então circulavam entre nós, o mesmo acontece com as arquiteturas que o pontuam. Com efeito, é na referência à tratadística que, aliada a um programa barroco de vivência do espaço exterior, fortemente simbólico e apelativo dos sentidos, se reflete também o prestígio dos seus proprietários.

Neste âmbito, são precisamente a Fonte do Veado e a Ermida de Santa Maria Madalena que mais nos interessam, por serem aqueles elementos em que essas referências⁴¹, sobretudo a Serlio, encontram a sua mais direta fonte de inspiração.



Fig. 9 – Fonte do Veado (imagem cedida pelo investigador Joaquim Moedas) / Tratado de Serlio, Livro IV.

1987, p. 225.

³⁹ Agradecemos, uma vez mais a Joaquim Moedas a cedência das imagens.

⁴⁰ Hoje em ruína, a data da sua construção pode indiciar também a da reformulação da casa iniciada no mesmo período.

⁴¹ Sobre a tratadística que circulava em Portugal veja-se MOREIRA, Rafael, RODRIGUES, Ana Duarte (coord.) – *Tratados de Arte em Portugal (Art Treatises in Portugal)*. Lisboa: Scribe, 2011.

Na primeira (Fig. 9), o seu desenho inspirou-se no *Livro Quarto* deste arquiteto⁴², quando trata das portas urbanas, a que não deve ser alheia a sua localização na passagem do jardim para a mata, funcionando como uma simbólica porta de acesso ao espaço onde se praticaria a caça, como a sua iconografia (dois galgos segurando um veado), sugeria⁴³.

No que diz respeito à Ermida de Santa Maria Madalena (Fig. 10), ela também de uma forte simbologia, comporta-se quase como um refúgio e espaço de meditação – localizada já em plena mata⁴⁴ (onde a natureza se apresenta livre, não dominada pela mão do homem), a santa de invocação aparece quase sempre citada e representada em obras e espaços relacionados com a vida eremítica. A forma da capela, inspirada também num dos desenhos do Tratado de Serlio quando este se ocupa no *Livro V*, dos templos sagrados⁴⁵, é constituída por um corpo principal (aqui apenas de um piso) em planta centralizada, ladeado por corpos semelhantes de menores dimensões. Construída em finais do século XVII ou inícios do XVIII, [re]construída pelo último marquês de Penalva para substituir uma outra mais antiga aí existente, destruída pelos franceses em 1808⁴⁶, para além da referência à tratadística, a sua cronologia revela-se importante ainda pela alusão que deixa transparecer a um possível revivalismo (nomeadamente na forma das cúpulas), tão ao gosto da época, caso se trate de uma construção totalmente feita

⁴² *Sebastiani Serlii Bononiensis de Architectur Libri Quinque, Quibus Cuncta Ferè Achitectonicae Facultatis Mysteria Doctè Perspicuè, Vberrime(que) Explicantur a Ioanne Carolo Saraceno, Ex Italica in Latinam Linguam Nunc Primum Translati Atque Conuersi...*, Venetiis: apud Franciscum de Francisca Senensem & Joannem Chrieger, 1569, fl. 235. BN F5463.

⁴³ A *Fonte do Veado* aparece já citada numa carta do 1.º marquês, datada de 10 de julho de 1708 – BN, *Secção de Reservados, AT/12A, Cartas de Manuel Telles da Silva para seu filho...*, ob. cit., fl. 78v. Esta escultura terá desaparecido em 2008, quando de um assalto à quinta, como a imprensa local terá noticiado (MATOS, Venerando António Aspro de - vedrografias2. Blogspot [Disponível em linha em <http://vedrografias2.blogspot.pt/search?q=quinta+das+Lapas>, citado por CATARINO, Maria Manuela; DUARTE, Joaquim Moedas - A Quinta das Lapas: da casa construída pelo 1.º Marquês de Alegrete a jardim Romântico/Neoclássico do século XIX. In COLÓQUIO CHÁS DE PEDRA, 5, Azenhas de Santa Cruz, 2015 – *A quinta*. Torres Vedras: Câmara Municipal, 2015, p. 9, nota 8).

⁴⁴ A ela se refere Pinho Leal, em 1880, nos seguintes termos (*Portugal Antigo e Moderno*, op. cit., p. 657): *Santa Maria Magdalena – no centro da matta e no sítio mais pittoresco della. A capella é muito Linda, e a imagem da padroeira, foi feita pela actual marquezza de Penalva, que é uma excellente esculptora, em substituição da antiga imagem que os francezes quebraram. Portugal Antigo e Moderno*, op. cit., p. 657.

⁴⁵ *Sebastiani Serlii Bononiensis de Architectur Libri Quinque...*, op. cit., fl. 383.

⁴⁶ MATOS, Venerando António Aspro de - vedrografias2. Blogspot, [Disponível em linha em <http://vedrografias2.blogspot.pt/search?q=quinta+das+Lapas>, citado por CATARINO, Maria Manuela; DUARTE, Joaquim Moedas - A Quinta das Lapas: da casa construída pelo 1.º Marquês de Alegrete a jardim Romântico/Neoclássico do século XIX. In COLÓQUIO CHÁS DE PEDRA, 5, Azenhas de Santa Cruz, 2015 – *A quinta*. Torres Vedras: Câmara Municipal, 2015, p. 9, nota 8).

de novo. No entanto, e de acordo com os elementos arquitetónicos e decorativos (como os embrechados, utilizados também na casa de fresco do Tanque da Sereia, e em voga a partir das últimas décadas do século XVII) que se podem observar no seu interior⁴⁷, tudo parece apontar para que tenha então sofrido apenas uma reconstrução parcial, mantendo o plano inicialmente definido - questão a que, só através de uma análise cuidadosa dos seus elementos e materiais construtivos, ainda por fazer, poderemos obter uma resposta satisfatória. Qualquer que seja a sua conclusão ela não invalida, no entanto, o fato de estarmos perante um espaço de grande erudição, traçado por um arquiteto bem informado, como erudito é também o programa artístico orientador que encontramos em toda a quinta.



Fig. 10 – Ermida de Santa Maria Madalena (imagem cedida pelo investigador Joaquim Moedas) / Tratado de Serlio, Livro V.

Considerações Finais

O conjunto da Quinta das Lapas reflete, tal como o resto das propriedades que detinham, o prestígio dos Telles da Silva, uma das mais importantes famílias que, desde a Restauração, se afirmará na cultura e política dos séculos seguintes.

Constituindo uma elite dentro da própria elite da Corte, Manuel Telles da Silva e os seus descendentes distinguiram-se também pela erudição que demonstravam nas academias que então frequentavam e promoviam, e nos exemplos que materializam nos modelos das suas residências, tanto principais como secundárias,

Erudição é, assim, um símbolo distintivo que aproxima toda uma elite da encomenda real, através dos programas que escolhe, realizados

⁴⁷ Socorremo-nos, uma vez mais, das imagens cedidas por Joaquim Moedas.

por artistas informados e pertencentes também eles, na maioria dos casos, a uma esfera profissional de estatuto régio.

Obedecendo a uma tipologia que se afirma a partir de finais do século XVII, o fascínio do conjunto da Quinta das Lapas reside na íntima relação que se estabelece entre interior e exterior, numa partilha de vivências em que se diluem e até se confundem os seus limites, materializada no importante papel que o espaço exterior assume como espaço de sociabilidade, prolongando o espaço interior da casa, bem como nos modelos eruditos que escolhe para viver e potencializar essa mesma sociabilidade, que recolhem na tratadística que circulava entre nós a sua fonte de inspiração.

Se a arquitetura se vai adaptando às transformações que os quadros de vivência vão impondo ao longo do século XVIII, transformando e compartimentando o interior das habitações, os jardins manter-se-ão fiéis a uma matriz barroca em que arquiteturas de prazer, jogos de água e lumínicos, e fragrâncias fazem um apelo constante aos sentidos.

Como bem sintetizou João Vieira Caldas a propósito deste período⁴⁸, *a excitação sensorial provocada pelo brilho dos azulejos, pelo movimento e cor dos panejamentos interiores, pela visualidade dos jardins e águas ordenadas, a teatralidade adicionada pelo vestir e movimentos das pessoas eram parte integrante de um ambiente barroco que terá existido mesmo nos casos em que a base arquitectónica se reduziu, aparentemente a um papel secundário.*

O seu estatuto como quinta de recreio, e o papel que desempenhou até muito como símbolo de vivência de uma elite esclarecida está bem expresso nas descrições das muitas festas que nela se realizaram e que marcam a memória desta casa. Lembremos, a propósito, a descrição de uma festa realizada neste jardim, por ocasião do 9.º aniversário natalício do filho primogénito dos condes de Tarouca e primeiro bisneto dos marqueses de Penalva: *À noite, iluminou-se profusa e brilhantemente o jardim contíguo ao palácio com balões venezianos, tigellinhas à maneira do Minho e copos de côres variegadas. Era deslumbrante o aspecto que apresentava a iluminação vista das janelas do palácio, ou das alturas do grande tanque! Uma chusma de crianças vivas, inquietas, presididas pelo amphitrião da festa, queimou durante duas horas, inoffensivos, mas formosíssimos fogos de Bengala. O povo, que adora estas illustres e benfazejas famílias atropellava-se bom e respeitoso, nas ruas do jardim, compartilhando assim as alegrias da casa...*⁴⁹

⁴⁸ CALDAS, João Vieira - *A Casa Rural dos Arredores de Lisboa no século XVIII*, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1999, p. 149.

⁴⁹ *Jornal de Torres Vedras*, II Anno, n.º 97, 4 novembro 1886, p. 2.

Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara – Doutorada em História de Arte Moderna Portuguesa pela Universidade Aberta (2002); Professora Auxiliar e vice-coordenadora do Mestrado em Estudos do Património na mesma universidade. As suas áreas de investigação e ensino são as Artes Ornamentais e Decorativas, e o Património artístico do Barroco (séculos XVII e XVIII). É investigadora do Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA) da Universidade de Évora e investigadora associada do Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes. Escola das Artes – Universidade Católica Portuguesa – Delegação Porto (CITAR). No âmbito da sua investigação tem trabalhado sobre questões da espacialidade teatral do século XVIII, e das relações entre a azulejaria de Setecentos e um terreno mais vasto da cultura portuguesa deste período, tendo neste âmbito participado regularmente em colóquios e seminários e colaborado em revistas da especialidade.

Teresa Campos Coelho – Arquiteta, Doutorada em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, foi docente de História da Arte no Ensino Secundário e no Ensino Superior (Universidade Aberta). Colaborou, simultaneamente como arquiteta e historiadora de arte, com o *Gabinete Técnico Local* da Mouraria da Câmara Municipal de Lisboa, no âmbito dos trabalhos de Reabilitação Urbana, onde teve a seu cargo a gestão e estudo de edifícios e conjuntos de valor patrimonial. Também simultaneamente como arquiteta e historiadora de arte, integrou o grupo de técnicos que elaborou as vistorias à Baixa Pombalina, entre 2005 e 2006. É investigadora do CHAM da FCSH | e UAç (Centro de Humanidades). No âmbito da sua investigação como técnica de reabilitação urbana e historiadora de arte tem participado em colóquios e seminários, sendo autora de vários artigos.